

O desarrumador infinito

O encontro

Em entrevistas e no interior dos próprios ensaios, Eduardo Lourenço repetiu à exaustão o seu fascínio desmedido por Pessoa. E incessantemente assinalou o lugar que este ocupou no seu universo: um encontro de vida. O convívio intenso com o poeta de *Mensagem* teve consequências tão fundas que às vezes ficávamos com a sensação de que Eduardo Lourenço fora seu contemporâneo, em todos os sentidos da palavra. Um dia, quando trabalhava no plano das suas Obras Completas, justamente no seu gabinete, na Fundação Calouste Gulbenkian, numa conversa a propósito de um escritor com quem ele tinha convivido, ouvi-o sentenciar numa quase imperceptível inflexão irónica, daquela forma amena e desconcertante que às vezes ocorria: “Nunca conheci nenhum génio.” Para acrescentar em tom mais baixo, quase sussurrado, em modo de remate: “Só Fernando Pessoa.”

Não por acaso, no início do seu percurso de leitor de Pessoa, Eduardo Lourenço bateu-se em defesa da genialidade do poeta, numa empenhada revisão da crítica, esgrimindo argumentos para fazer face às dominantes leituras de pendor psicologista, assim como às críticas marcadas por um limitador reducionismo ideológico. Referiu numa entrevista que, nessa época de interrogações, quando em Coimbra já era assistente na Faculdade de Letras, na área da Filosofia, “Pessoa começava a figurar como um autor maldito e a minha primeira intervenção cultural foi a de defender o poder subversivo dos seus textos”¹. A citação é conhecida e reporta-se a um artigo seu, “Explicação pelo inferior ou a crítica sem classe contra Fernando Pessoa”, publicado no suplemento cultural de *O Primeiro de Janeiro*, em 26 de Novembro de 1952, no qual contestou interpretações do poeta marcadas pelo prisma neo-realista. O título do texto reenvia claramente, como tem sido assinalado, para uma resposta a um artigo de Mário Dionísio, saído nesse mesmo mês de Novembro – “Alberto Caeiro, poeta de classe”. A celeridade da resposta de Lourenço não acusa o mero impulso polemizador que o tom inicial poderia fazer supor (“Tivemos a explicação pelo sexo. Agora temos de aguentar, a todas as horas e de todas as maneiras, a explicação pelos interesses de classe.”). Percebe-se um evidenciado amadurecimento nesta tomada de posição. Aliás, a referência a “todas as horas” remete para um conjunto de textos saídos na revista *Vértice*, no ano anterior, subscritos por Luís de Albuquerque, Mário Sacramento e Vergílio Ferreira, em que estes autores se propunham ler Pessoa a partir da mesma chave ideológica.

Na entrevista ao *Expresso* acima referida, Eduardo Lourenço afirmou ter sido Pessoa “o desarrumador definitivo, naquela época, do discurso cultural português.” Foi precisamente nestas palavras que achei o título para

1 Entrevista concedida a Vicente Jorge Silva e Francisco Belard, “Um heterodoxo confessa-se”, *Expresso*, 16 de Janeiro de 1988.

a minha intervenção, pretendendo, a partir delas, apontar em Lourenço o enquadramento epocal no seu encontro com Pessoa; alterei o adjetivo pelo alcance que o termo “infinito” comporta numa aproximação ao complexo diálogo do ensaísta com o poeta de “Tabacaria”. Como o próprio Eduardo Lourenço sublinhou, a revelação do universo de Pessoa² constituiu para ele um grande “choque”, um profundo abalo de alicerces: “qualquer coisa que me causou uma perplexidade de toda a ordem, não apenas estética”³. Já nos últimos anos, quando foi distinguido com o Prémio Pessoa, numa entrevista, voltou aos termos superlativos ao relembrar o impacto causado por esse choque: “Deixava-nos desamparados. Foi o que me aconteceu. Esse desamparo produtivo obrigava a rever a minha própria bagagem cultural, os meus próprios mitos. O encontro com Pessoa foi uma assombração que, ao fim de tantos anos, permanece.”⁴ Pessoa foi um dos maiores questionadores das verdades estáveis para o pensamento de Eduardo Lourenço. Parece então ser quase natural a “aparição Pessoa” como uma espécie de revelação da própria vivência do estilhaçamento e da celebração dele. Abria-se-lhe outro mundo que lhe permitiria perceber algumas contradições ou entrar definitivamente no seio delas.

Remonta a 1952, como referi, o primeiro artigo onde o ensaísta publicamente revela o seu Pessoa, nesse plano em que se equaciona mundo e linguagem, pela via do poético. Com efeito, a década de 1950 é determinante na construção do seu extraordinário caminho enquanto intérprete da obra pessoana. Recorde-se que no Acervo de Eduardo Lourenço (Biblioteca Nacional de Portugal) se encontra uma folha de rosto com o título “A Poesia de Fernando Pessoa ou a Experiência do Nada”, com a data de 1952, e o correspondente manuscrito, um texto fragmentário com algumas lacunas, apresentado no IX volume das Obras Completas de Eduardo Lourenço, *Pessoa Revisitado. Crítica Pessoana I (1949-1982)*. Pedro Sepúlveda, o organizador do volume, refere que se trata do “primeiro ensaio escrito por Lourenço sobre a obra pessoana”⁵. Importa ainda lembrar que, já no final da década de 1940, Lourenço ideava projectos (folhas de rosto e instigantes títulos de ensaios) que condensavam verdadeiros programas:

ALBERTO CAEIRO / ou / a metafísica de Fernando Pessoa, 1949

ÁLVARO DE CAMPOS / ou / a compensação imaginária de Fernando Pessoa, 1949

RICARDO REIS / ou / a vontade poética de Fernando Pessoa, 1949

FERNANDO PESSOA / ou / o heterónimo essencial, 1949

É muito interessante observar aqui, nas múltiplas planificações encontradas no arquivo do ensaísta, semelhanças, aproximações que têm a ver com algo que Pedro Sepúlveda estudou e dizem respeito ao “modo como Pessoa legou os papéis à posteridade”. Felizmente, em relação à sua obra por organizar, Eduardo Lourenço pôde acompanhar parte do processo de “arrumação”.

-
- 2 Eduardo Lourenço refere que essa revelação ocorreu na década de 1940, através do conhecimento de três antologias fundamentais: *Poesia de Fernando Pessoa*, org. Casais Monteiro (1942); *Poetas Novos de Portugal*, org. Cecília Meireles (1944); e ainda o volume *Páginas de Doutrina Estética*, org. Jorge de Sena (1946).
 - 3 Entrevista concedida a António Guerreiro, “Sou um dissidente da minha geração”, *Relâmpago* n.º 22, Abril de 2008.
 - 4 “Os portugueses tendem a confiar na providência”, entrevista conduzida por Valdemar Cruz, *Expresso*, Lisboa, 5 de Dezembro de 2010.
 - 5 Sepúlveda, Pedro, “Introdução”, em Lourenço, Eduardo, *Pessoa Revisitado. Crítica Pessoana I (1949-1982)*. Obras Completas de Eduardo Lourenço, Vol. IX, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 22.
 - 6 Acervo de Eduardo Lourenço, BNP; folhas de rosto reproduzidas na revista *Colóquio-Letras*, n.º 171, Maio-Agosto, 2009, dedicada a Eduardo Lourenço, p. 249; e ainda no vol. IX das Obras Completas de Eduardo Lourenço, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 23.

A década de 1950: a *presença*, Torga e Pessoa

É na década de 1950 que, encontrando-se já no estrangeiro, Eduardo Lourenço começa a ter uma intervenção digna de registo em revistas e jornais de referência em Portugal. Pode dizer-se que entra em cena num certo espaço público intelectual de maior visibilidade. Gostaria de destacar aqui a sua colaboração no suplemento cultural de *O Comércio do Porto*, jornal onde emergem algumas das mais frutíferas reflexões de Eduardo Lourenço sobre a *presença*, que é perspectivada pelo autor como um dos momentos centrais da mitologia cultural portuguesa. Coabitando com gente que viveu o momento, Lourenço tem um olhar privilegiado sobre o acontecimento, captando-o com acurado distanciamento crítico. Não por acaso, o célebre texto de 1960 “Presença ou a contra-revolução do modernismo?”⁷ fez correr rios de tinta. O ensaio, que constitui uma das mais instigantes reflexões sobre o tema, tem atrás de si um percurso, desde uma primeira formulação em torno do discurso crítico do grupo, num artigo de 1956⁸, ao diálogo polemizante com Gaspar Simões, em 1957⁹.

É importante referir que as suas leituras à volta da revista e do grupo de Coimbra assinalam quase o contraponto com *Orpheu*. Aliás, data de 1955 um ensaio seminal exclusivamente centrado na ruptura operada pelo grupo modernista na cena literária portuguesa, “*Orpheu* ou a Poesia como Realidade” (*Tetracórnio*). Mas é também neste ano que é editado, em Coimbra, o ensaio “O desespero humanista de Miguel Torga e o das novas gerações”, onde encontramos uma expressiva contraposição entre *Orpheu* e *presença*, apresentada em termos muito directos, numa análise que incorpora a visão veiculada no texto de *Tetracórnio*. Se Torga representou para Eduardo Lourenço um indiscutível modo de superação de referentes literários demasiadamente constritores (presencistas e neo-realistas), este relacionamento acabou por ficar marcado por movimentos tensivos traduzidos numa leitura ambivalente da parte de Lourenço. Um dos vectores mais significativos nesta história de encontros e desencontros prende-se com a poderosíssima interferência de Pessoa. A partir daí, Lourenço jamais poderia ler Torga, ou qualquer outro autor, da mesma maneira.

Numa entrada do seu “Diário”, com data de Março de 1953 (divulgada no *Público Magazine*, em 1996), Eduardo Lourenço apresenta uma reflexão sobre a escrita diarística. Percebe-se que o texto, nas suas considerações genéricas, resulta de um profundo diálogo com a concepção torguiana sobre o género. Está em causa aqui a questão central da pose de uma pretensa sinceridade neste tipo de registo: “A leitura dos diários é penosa, mas torna-se insuportável quando da primeira linha à última a vontade de estilo nos pisca os olhos até à obsessão.” A entrada termina com uma forte invectiva: “Solitários esses que têm cinco, dez volumes para escarrar na face do público a sua solidão não solitária, a sua divina solidão? MERDA.” Noutro fragmento, escrito seis meses depois, em 10 de Setembro de 1953, uma nota onde se descortinam reminiscências gidianas e ecos pessoanos, é explicitamente questionada a ideia da auto-representação autoral, que marca a produção diarística de Torga, construída esta sob o signo da unidade. Tristão (o sujeito enunciador da nota) contrapropõe como alternativa o caminho da imagem “baralhada”, “destruída” – “Sinto que o Torga devia fazer esforços não para carregar no espírito dos seus leitores a imagem Torga, a visão-das-coisas Torga”, acrescentando que seria conveniente que a baralhasse ou destruísse.

7 Suplemento “Cultura e Arte”, *O Comércio do Porto*, 14 de Junho e 28 de Junho de 1960. No título do texto não apareceu a interrogação, reposta quando o ensaio foi republicado, em 1974, no livro *Tempo e Poesia*.

8 “Alguns doutrinários e críticos literários depois de Moniz Barreto. Psicologismo e a-historicismo de *presença*”, *O Comércio do Porto*, Porto, 8 de Maio de 1956.

9 “A correspondência Pessoa-Simões e o mito da *Presença*”, Suplemento “Cultura e Arte”, *O Comércio do Porto*, 12 de Junho de 1957.

Pessoa configura, num certo sentido, o único relacionamento de incondicional pendor identificativo, nascido de um encontro congenial:

Encontramos os autores com este sentimento de que fomos roubados, de que fomos já vividos, de que já fomos consumidos anteriormente. Por conseguinte, experimentamos um sentimento de fascínio e, ao mesmo tempo, quase de terror diante de gente que nos parece tão parecida connosco por dentro, não é?¹⁰

Por isso é importante referir que se a relação com Pessoa revela uma quase irrestrita identificação, também comportou um “íntimo confronto” nem sempre evidente, para utilizar termos de Luís Miguel Queirós¹¹.

Eduardo Lourenço, hermeneuta de Pessoa

A leitura dos textos pessoanos de Eduardo Lourenço, dentro de um quadro contextualizador, latamente considerado, na linha da cronologia, é profundamente iluminadora face ao próprio percurso do ensaísta *in fieri*. Os volumes sobre Fernando Pessoa na colecção das Obras Completas, organizados por Pedro Sepúlveda, ao darem a ver a linha do tempo da escrita dos ensaios, são reveladores em relação ao modo como Lourenço se aproxima de Pessoa. Deparamos com um caminho que configura uma iniciação, um desbravar de terreno: paralelamente às leituras da poesia, são decisivos os textos sobre a crítica pessoana nas várias versões éditas e inéditas, sobre textos críticos ou de edição de autores como João Gaspar Simões, Jacinto do Prado Coelho, Agostinho da Silva, Maria Aliete Galhós, Casais Monteiro ou Mário Sacramento.

Esse percurso é extraordinário pelo modo como se torna claro o ponto de chegada que é *Pessoa Revisitado*, publicado em 1973. Não é por acaso que este livro, talvez o texto mais orgânico de Eduardo Lourenço, tenha sido entrevistado pelo próprio como o seu romance (“romance de romancista imaginário por conta de Pessoa”), na sequência do juízo de um poeta próximo, Carlos de Oliveira. Podemos dizer que *Pessoa Revisitado* é um romance de testemunho; romance porque nele podemos entrever capítulos com personagens e molas imprevistas que fazem avançar a acção, das quais a mais surpreendente e de maior impacto é a descoberta de Whitman em Caeiro. Robert Bréchon, na recensão ao livro, resumiu lapidarmente que “a sua originalidade é a de unir a um método rigoroso, que integra as aquisições mais recentes da crítica, uma simpatia pelo seu objecto de estudo, uma atenção apaixonada, quase uma fé, que faz do autor mais do que um simples exegeta: um discípulo de ‘mestre Caeiro’”¹².

Poeta imaginário

Pessoa é para Eduardo Lourenço o guia-intérprete da modernidade, aquele que em formulações geniais sintetiza a funda expressão dos nihilismos contemporâneos que filosoficamente ecoam em outros lugares: a ausência de Deus, o vazio, o princípio da distância pela ironia. Pode dizer-se que a presença de Pessoa e a reflexão sobre a modernidade, de uma forma ou de outra, estão subjacentes a quase todas as leituras que, em contraponto,

10 *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 6 de Dezembro de 1986; entrevista conduzida por Inês Pedrosa.

11 *Público*, 2 de Dezembro de 2021.

12 Revista *Colóquio/Letras*, n.º 22, Novembro de 1974, pp. 93-94.

o ensaísta faz dos poetas modernos e contemporâneos. Lourenço, com extrema percuciência e finura analítica, vem mostrar a evidência, nem sempre revelada, de que no “espaço post-Pessoa”, nenhum poeta escapa à força da obra do autor da “Ode marítima”, em sua complexidade e diferença. O profundo conhecimento da poesia e da poética pessoais permitem-lhe como a ninguém estabelecer nexos, encontrar ecos, detectar diálogos improváveis. Pode traçar-se uma cartografia das leituras lourencianas que nos possibilite ver o impacto dessa voz matricial, em todos os textos sobre os poetas seus contemporâneos.

Os admiráveis *insights* apresentados nestas leituras (a partir de aproximações, afinidades ou diferenças) comportam uma energia propulsora essencial à escrita de Eduardo Lourenço. O ensaísta coloca-se no lugar dos poetas lidos, como se ele mesmo fosse o autor dos poemas. Como se se lesse a si mesmo enquanto poeta imaginário. A este respeito, é muito expressiva a referência aos poetas seus contemporâneos como “objecto de projecção”. Assim o refere numa entrevista em 1986: “Aquilo que há em mim de imaginativo, ou de imaginante, possivelmente se transfere para essa esfera de ordem crítica, em que os autores servem ao mesmo tempo de objecto de estudo no sentido tradicional e de objecto de projecção.”¹³

A vasta obra de Eduardo Lourenço sobre poesia constitui uma longa meditação que contém a sua poética: a extraordinária lucidez analítica associada ao lampejo intuitivo e à síntese. Intensidade e recuo. Aproximação ao objecto e sua devolução com uma luz em que o explicado não anula o imprescindível inexplicado. Reedita assim o mesmo jogo, fazendo do seu texto matéria activa, muito próxima de uma equivalência ou incorporação. Daí a nota melancólica, no seu discurso, que advém da perda antevista: o exercício crítico da leitura afigura-se também ele tarefa votada ao insucesso, na medida em que jamais se poderá dizer por outras palavras o que o poema revela.

Tristão não é apenas Tristão

Numa das muitas entrevistas que concedeu, afirma Eduardo Lourenço, nesse tom baixo e distanciado com que sedutoramente vai falando de si e dos outros, da literatura e do mundo: “A única coisa que verdadeiramente eu quero ser é escritor – o resto não me interessa nada. Poeta, ainda seria melhor.”¹⁴ Repetiu noutros lugares essa projecção desejante. Se Pessoa é o grande desarrumador para toda uma geração e, em sentido forte, também para Eduardo Lourenço, pode igualmente dizer-se que, na mesma linha, Pessoa é para Lourenço o grande arrumador. Aquele que dá sentido ao não-sentido. E existe aqui uma questão muito interessante. Se é Pessoa quem, sem dúvida alguma, lhe abre irrestritamente todos os caminhos, todas as vias, é também Pessoa quem lhe revela a impossibilidade da criação como destino exclusivo.

Lembre-se que a estreia de Eduardo Lourenço na imprensa é literária, ainda que timidamente, quando estudante universitário em Coimbra. O primeiro texto a receber forma de letra na imprensa foi um conto, “Ti Curandeiro”, publicado em 1943, no *Diário Popular*, texto em que repercute a influência de Torga, mas onde se vislumbra o sentido metafísico, que marcará as suas futuras reflexões ensaísticas, explicitado nas recorrências de um expressivo *leitmotiv*: “Tudo escapa para a vida ou para a morte...”. No ano seguinte, o poema “Aceitação”, publicado na *Vértice*, é uma espécie de lema que dá conta dessa mesma inquietação metafísica que o acompanhará. Aqui, afastando-se do ideário neo-realista da revista a que também esteve ligado, não deixa de se sentir o influxo da voz de Pessoa: “que tudo morre em mim/ entre o sim

13 *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 6 de Dezembro de 1986, pp. 2-6, entrevista conduzida por Inês Pedrosa.

14 *Visão*, 22 de Maio de 2003.

e o não/ da minha contradição". E é muito interessante assinalar o facto de a sua página no tradicional "livro de curso" coimbrão, ao invés das habituais quadras assinadas por colegas, apresentar um texto seu, um curiosíssimo ensaio dramático, diálogo entre duas personagens – a figura auto-referencial de um "Ele" e a "Pitonisa".

Os primeiros anos da década de 1950 constituem um marco no percurso de Eduardo Lourenço que merece uma particular atenção. Por aquilo que é mais imediatamente perceptível, mas também por aquilo que se deixa entrever no que é menos exposto. Repete-se à exaustão que Eduardo Lourenço vem da filosofia para a literatura. Não deixa de ser verdade. Mas o contrário também se aplica. Já vimos como, no início, os seus escritos, em termos estritos de apresentação pública, ainda que parcos, pertencem ao domínio do literário. Como afirma numa das páginas do diário, foi justamente a experiência da literatura que mais fundo o marcou: "Tudo quanto toquei me formou e deformou. Como um búzio desejei guardar o mar dentro de mim. De todas as experiências, a que me marcou mais fundo foi a da literatura." (13 de Setembro de 1953)

O Acervo de Eduardo Lourenço, para além das magníficas páginas do seu diário, dá a ver ainda um considerável número de esboços, de projectos anunciados. É o que se pode observar relativamente à ideação de um texto ficcional para o qual não só existem títulos como também listas de personagens. Várias folhas de rosto, com datas de 1950 e de 1951, acolhem os títulos. Curiosamente, para muitos desses projectos, encontram-se alternâncias, oscilações que revelam os termos da não-fixação. Um exemplo extraordinariamente eloquente revelado nessas folhas de rosto prende-se com a transição, com o modo como o mesmo projecto tanto é assinado por Eduardo Lourenço como por Tristão. É o que se pode ver em relação ao delineamento de um texto ficcional para o qual não só existem títulos como listas de personagens:

EDUARDO LOURENÇO // OS CRAVOS BRANCOS / ou / ANA SÍLVIA? / ou / OS AMANTES LÚCIDOS / ou / OS PEQUENOS DANADOS // Bordeaux // 1950

EDUARDO LOURENÇO // OS CRAVOS BRANCOS // 1951 // Coimbra

TRISTÃO BERNARDO // ANA SÍLVIA /ou / OS CRAVOS BRANCOS // 1951 // Coimbra

PERSONAGENS // Ana Sílvia / Alberto / Marta Maria / Cláudio / Mãe / Pai / Criada / Afonso Gomes / Parentes / Cangalheiros¹⁵

As variações onomásticas ocorrem no complemento de um termo fixo (Tristão) motivadamente procurado: Tristão Marcel, Tristão Georges ou Tristão Bernardo. Neste último, encontramos o eco do nome próprio (Eduardo/Bernardo), numa interessante coincidência com o conhecido anagrama Pessoa/Soares para o autor do *Livro do Desassossego*.

Mas Tristão é mais do que um simples nome nos apontamentos e planos editoriais. Em rigor, não se trata de um mero recurso de variação onomástica. Estamos diante de esboços para uma figura ficcional, espécie de semi-heterónimo, onde ocorrerá o diálogo com o exemplo pessoano. Para esta criação provavelmente terá sido decisiva a carta sobre a génese dos heterónimos publicada na antologia de Casais Monteiro. O fascínio pelo jogo com os nomes, em exercícios ficcionais, pode servir-nos de pista, entre outras. O que é posto em movimento não é o jogo presencial do duplo e do uno como aquele que foi praticado por Régio e Torga. Também Eduardo de Faria se debateu com as questões da assinatura, tendo muito cedo subscrito alguns textos com o nome Eduardo Coimbra. Após a entrada em cena de Pessoa, a projectada literatura própria será alvo de uma exigência desmesurada.

15 Revista *Colóquio/Letras*, n.º 171, Maio-Agosto 2009, pp. 74-77.

A Casa Perdida

Sobre o diário de Eduardo Lourenço, uma ideia mais ou menos vaga vai sendo formada através dos excertos que nos vão chegando às mãos, em jornais e revistas (desde o *Expresso*, em 1982, à *Colóquio/Letras* n.º 171, em 2009, e até ao presente em números diversos do *JL*), assim como em outro tipo de publicações, como a fotobiografia, *Tempos de Eduardo Lourenço*¹⁶. As expectativas do leitor intensificam-se na exacta medida em que os fragmentos revelados se multiplicam e o objecto-livro nos escapa. O autor falou de interrupções, de cortes. E várias vezes falou de perdas, de desaparecimentos. Desejaríamos contrariá-lo sobre os descaminhos dessas laudas com letra de paciente monge copista. O Acervo conservado dá-nos alento. Desejamos um novo livro para futuro trabalho dos estudiosos e acima de tudo para maior comprazimento dos leitores.

O último título proposto pelo autor, *A Casa Perdida*, tendo um alcance simbólico cuja interpretação recuperamos, olhando para o mundo por ele escrito, também pode ser lido, no princípio e no fim, a partir do mais íntimo diálogo com Pessoa. A óbvia reminiscência pessoana advirá de um tão demorado convívio com esse fascinante universo de simulações, mas também aqui interferem com certeza as nossas próprias projecções expectantes. “Eu sou muito imitativo, mas, nesse capítulo, não faço de propósito”, afirmou justamente sobre o seu diálogo o autor do *Livro do Desassossego*. Aliás, o texto de Bernardo Soares é central, em vários planos, para a perspectivação do livro por vir de Eduardo Lourenço. Sem saber, logo nos anos 1950, ia-se aproximando, no registo literário das páginas do seu diário, de um universo próximo do do *Livro do Desassossego*. E entre várias coincidências estavam as variações sobre a autoria. Também a Pessoa essa questão se colocou, como foi assinalado por Pedro Sepúlveda: “O caso do *Livro do Desassossego* é provavelmente o exemplo mais claro do elo entre o livro e o problema da atribuição de uma autoria. Conhecem-se três atribuições de nomes de autor ao livro, realizadas em diferentes momentos.”¹⁷ A escrita ficcional de Eduardo Lourenço, sob a forma diarística, também teve vários projectos de título, e o início dos anos 1950 (1952, 1953, 1954) foi a este respeito um período particularmente fecundo¹⁸. Em 1952, era registada a seguinte indicação: *O livro da alma ou a educação portuguesa de Tristão Bernardo, Diário metafísico apresentado por Eduardo Lourenço*; em 1953, um título possível era *Tristão ou o Livro da Alma. Diário existencial apresentado por Eduardo Lourenço*. No mesmo ano outra titulação era apontada: *Tristão, palhaço do nada ou o Livro da Alma. Diário espiritual apresentado por Eduardo Lourenço*. Em 1954, apareciam denominações como *Memorial de um descrente* ou *Memorial da inconstância*.

Gostaria de destacar a propósito um testemunho muito tocante e revelador de Françoise Laye sobre Eduardo Lourenço. A tradutora do *Livro do Desassossego* para francês falou da figura luminosa que foi Lourenço, mas lembrou acima de tudo a força subterrânea das sombras “fugitivas nas páginas do seu diário, infelizmente inédito, como formas passando furtivas, no fundo de um qualquer lago obscuro”¹⁹.

Dentre as aproximações ao universo do *Livro do Desassossego*, vejam-se exemplos admiráveis como a recomposição ficcionalizada nas primeiras páginas divulgadas no n.º 171 da *Colóquio/Letras*, justamente no que toca ao episódio-chave da perda de fé na juventude. Nessas páginas, vemos

16 Baptista, Maria Manuel; Cruzeiro, Maria Manuela. 2003. *Tempos de Eduardo Lourenço. Fotobiografia*. Porto: Campo das Letras.

17 Sepúlveda, Pedro. 2012. *Os Livros de Fernando Pessoa*. Tese de Doutoramento: 17. Lisboa: FCSH-UNL.

18 *Colóquio/Letras* n.º 171, Maio-Agosto 2009, pp. 73-83.

19 <http://leduardolourenco.blogspot.com/2013/05/pensar-nove-decadas-de-amizade-n-18.html>, “Ler Eduardo Lourenço”, blogue do projecto de edição das Obras Completas de Eduardo Lourenço (tradução minha).

“Tristão”, em 1939, despedindo-se da aldeia em que nasceu para ir estudar Pintura em Paris. Como Eduardo Lourenço referiu a João Nuno Alçada: “Isto não é o Diário, são Folhas Diarísticas, muitas delas reescritas a partir do Diário, verdadeiramente dito.” A paisagem desta *Casa Perdida* é uma dominante paisagem seca, árida, onde se impõe um vento agreste. A paisagem interior, como a que é entrevista pelo escriturário da Rua dos Douradores, é igualmente desencantada. A leitura dos fragmentos do diário divulgados no número especial da revista *Prelo* dedicado ao ensaísta, em 1984, deixa vir ao de cima uma recorrência da poética lourenciana: o abandono melancólico, numa paisagem de um céu deserto de deuses, onde se recorta a figura do escrevente na contemplação de um crepuscular paraíso vazio. Na última entrada, que traz a indicação “Vence, Setembro 83”, é-nos dada a ler uma poderosa imagem, exprimindo essa sensação de perda: “O meu paraíso estava pregado do exterior, como um caixão, abrindo sobre o nada como uma falésia sobre o abismo.”²⁰

O não-livro

Eduardo Lourenço sabe que a sua verdadeira criação, muito à maneira do *Livro do Desassossego*, não aspira a uma forma fechada. Reportando-se à sua própria obra, também afirmou que a via “mais como uma errância. Deixei-me sempre levar pelas águas do tempo”²¹. Em anos mais recentes, a visão indefinida e fragmentária dos dias impalpáveis não deixará de dialogar com as páginas ofuscantes do diário/livro de Bernardo Soares.

Um dos aspectos mais instigantes prende-se com o modo como este “diário” (a sua obra ficcional) se projecta numa semelhança (apesar de todas as diferenças) com o que foi o modo de existência da obra de Pessoa. Como se Eduardo Lourenço ele mesmo quisesse inscrever a existência de páginas avulsas num livro por vir. Insistiu muito no carácter dispersivo, fragmentário do seu diário, e chegou a afirmar que ficou “sempre com a ideia de que nunca o publicaria” (entrevista *Diário de Notícias*, 2000). Uma das razões apresentadas prendia-se com o progressivo abandono do projecto, que tem, até onde se pode perceber, pelo que nos é dado ver nos diversos excertos revelados, dois momentos de intensa regularidade: década de 1950 e o período que se segue a 1982. Parece-me que o grande impulso para a retoma do diário surge a seguir à divulgação do *Livro do Desassossego*. Sendo claramente diversa a expressão, espantosos elos iluminam as afinidades. Talvez só depois da publicação do *Livro do Desassossego* é que Tristão tenha passado a ser encarado pelo próprio Eduardo Lourenço nos termos em que falou de Bernardo Soares: uma espécie de semi-heterónimo que, como este, escreve um “pseudodiário” sobre lugares descentrados – a sua casa perdida.

Post scriptum: a voz directa

§ A morte de Tristão Bernardo

Tristão Bernardo nasceu a 23 de Maio de 1923, numa aldeia beirã de camponeses pobres e contrabandistas próxima de Espanha; morreu a 13 de Agosto de 1951, de peste, segundo notícias dignas de crédito, em Aden, a caminho da Índia.²²

20 *Prelo. Revista da Imprensa Nacional Casa da Moeda*, número especial “Sobre Eduardo Lourenço”, Maio de 1984, p. 126.

21 *Pública*, 13 de Maio de 2007.

22 *O Livro da Alma ou a educação portuguesa de Tristão Bernardo. Diário metafísico apresentado por Eduardo Lourenço 1952, Colóquio/Letras n.º 171, Maio-Agosto 2009, p. 74.* A data de nascimento de Tristão é obviamente reconhecível. A data da morte apontará para a consciente extinção do projecto literário encarado como destino absoluto. Nesse sentido, a referência a Aden é profundamente iluminadora.

§ O editor de Tristão Bernardo

E nada mais haveria a acrescentar – a não ser para os seus amigos – se não fosse a existência destas páginas, que todos, de comum acordo, escolhemos de entre a massa considerável dos seus *Cadernos*. Nenhum de nós ignorava a sua existência. Mas começávamos a ter certas dúvidas sobre o seu destino, quando finalmente uma das suas amigas, certamente a última e cujo papel nos seus últimos momentos desconhecemos, nolos enviou.

É muito discutível a montagem dos textos escolhidos e segundo a minha opinião prestase a sugerir acerca da evolução espiritual de Tristão Bernardo uma ideia de continuidade que o original, desordenado e caótico, não pode permitir.²³

§ O discípulo dilecto

Coimbra, 8 Setembro 53. Gostaria de viver num convento onde o superior fosse Álvaro de Campos. Em lugar de nos perder na contemplação de Deus, adoraríamos noite e dia a sua Ausência. Talvez assim amássemos a vida como poucos antes dele a amaram. A miséria dos que perderam Deus sabendo-o, é uma sombra comparada à do meu Superior que nunca o pôde perder por nunca o ter achado. No fundo dela brilha, porém, a promessa devida aos que tudo tiveram em nada buscar por noite e dia o Tudo diante do qual coisa alguma é justamente nada.²⁴

23 *Idem*. pp. 74-75. Eduardo Lourenço oferece aos vindouros, em espelho, a chave de leitura da sua própria obra: “Uma ideia de continuidade que o original, desordenado e caótico, não pode permitir.”

24 *Prelo*. *Revista da Imprensa Nacional Casa da Moeda*, número especial “Sobre Eduardo Lourenço”, Maio, 1984, pp. 114-115. Este número da revista *Prelo* constitui um dos momentos mais importantes da divulgação de um conjunto de excertos do seu diário, sob o título “Espelho que volto com lentidão para mim...”. A publicação do *Livro do Desassossego* (edição de Jacinto do Prado Coelho, Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha) pouco tempo antes, em 1982, não terá sido alheia a esta selecção de entradas do diário e à sua divulgação. A referência ao “convento onde o superior fosse Álvaro de Campos” tornou-se um dos tópicos mais divulgados nos retratos de apresentação de Lourenço, concretamente em muitas das entrevistas que concedeu. Importa aqui repor a citação integral desta entrada do diário, que sintetiza fulgurantemente uma das mais fundas apreensões desse diálogo sem fim que o ensaísta manteve com Pessoa, o *desarrumador infinito*.